FRANCISCO PINTO E LUIZ FIGUEIRA.

O mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará.

OS PRIMEIROS Portuguezes, que intentaram conquistar e povoar as terras do Maranhão e visinhanças, foram todos mais ou menos victimas das suas emprezas. E não é pequena a lista desses que arrastados pela miragem do ouro ou seduzidos pela avidez de fazer fortuna se aventuraram á realisação de arrojados commettimentos, em que uns perderam os cabedaes e outros cabedaes e a vida.

Na partilha por D. João 3.º das terras do Brasil coube o Maranhão a João de Barros, o celebre historiador, o qual para levar a cabo o desejado fim houve de se associar a Ayres da Cunha e Fernando Alvares d'Andrada.

Ayres da Cunha, aprestada poderosa armada, partiu do Reino em 1535 levando em sua companhia dous filhos do donatario. Essa armada foi-se perder totalmente nos Baixos do Boqueirão, perto da Ilha do Medo.

Luiz de Mello da Silva teve em 1539 mercê da Capitania por desistencia que della fizera o primitivo possuidor, e para lá se encaminhou em uma frota para a qual o Rei prestou auxilio não pequeno. Iguaes fados aguardavam-o e novo naufragio sepultou junto ás costas do Maranhão essa segunda tentativa.

Mas essa empreza *espantosa e desacreditada*, essa conquista *da qual se dizião tantas grandezas que parecia fabuloso o sitio, as terras, as gentes e tudo o mais que d'alli se promettia*, no dizer de Campos Moreno, o auctor da *Jornada do Maranhão*, era propria para continuar a provocar as energias e a incitar os animos a novos e arrojados tentamens.

Corria o mez de Maio de 1603.

No intuito de recuperar ao menos em parte a perda de cabedaes que com seu cunhado Fructuoso Barbosa soffrera na Parahyba (Fr. Vicente do Salv. Cap. 38, L.° 4.°) e seduzido pelas noticias que corriam sobre a uberdade e riquezas de regiões ainda não exploradas, resolveu Pero Coelho de Sousa, homem nobre Açoriano, ex-commandante de uma galé do rei, morador na Parahyba, onde pelos annos de 1590 fôra membro do Senado da Camara, aventurar-se á conquista da Serra de Ibiapaba, para o que pediu e obteve licença do governador geral que então era Diogo Botelho.

Alcançada a licença e obtida a Provisão de capitão-mór da empreza *para melhor assegurar na authoridade do caracter a obediencia dos subditos, caminho sempre o mais trilhado para a felicidade dos grandes projectos* (Beriedo, L.° 2.°, 97), mandou em Julho tres barcos ou caravellões com mantimentos e munições para o rio Jaguaribe, partindo elle por terra com 65 soldados, entre os quaes Manoel de Miranda, Martim Soares Moreno, Simão Nunes, João Cide, João Vaz Tataperica e Pedro Cangantan, este lingua perito.

Acompanharam-no tambem 200 indios frecheiros, cujos chefes ou principaes eram Mandiocapuba ou Man-

diopuba, Batatam, Caragatim (tobajaras) e Caraquinguira (potiguar).

Da gente do mar, que ia a bordo dos caravellões, fazia parte Otuimiri ou Tuimmirim, de nacionalidade franceza, muito conhecedor da costa e familiarisado com a lingua dos indigenas. Seguiam pouco ou nada amarados para observação dos movimentos dos companheiros de terra.

A Otuimiri chama Diogo de Campos Moreno de grande piloto da costa, *sem o qual Pero Coelho não fizera nada.*

Dizem Berredo e Diogo de Campos que ha tempos já havia Pero Coelho intentado por mar a entrada do Maranhão, accrescentando o ultimo que nessa empreza consumira grosso cabedal mas sem resultado.

Um e outro, e nem podia deixar de ser assim porque Berredo conheceu e manusoou largamente a *Jornada do Maranhão*, elevam o numero dos companheiros de Pero Coelho a mais de 800, *tão cheyos todos de alegres esperanças que nenhum duvidava da felicidade do successo*, e com exaggero ainda maior Claudio d'Abbeville *(Historia da Missão dos Padres Capuchinhos)* a oito ou dez mil.

São sempre as mesmas duvidas sobre o numero dos que se embarcaram em arriscadas emprezas de navegação ou colonisação a contar da de Christovam Colombo a quem Diogo Colombo dá 68 companheiros, Fernando Colombo 90, Gonçalo Fernandez 120, Pedro Martyr mais de 200.

Ayres de Cazal (Corografia Brazilica vol. 2.º p. 219) inventa a existencia de uns presidios na costa do Ceará *dos quaes tirou Pero Coelho alguma gente para executar o projecto que felizmente conseguiu deixando o Indio sujeito á Coroa de Portugal.*

O projecto a que se refere contem-se nas seguintes linhas nas quaes, é forçoso dizer, não ha o que aproveitar em beneficio da verdade: «Não se conta que o terreno do Ceará tivesse outros Donatorios mais que os infelizes Joam de Barros e Luiz de Mello, nem tambem consta da precisa epoca da fundação dos prezidios por

onde começou a colonização que já havia na costa em seiscentos e tres quando o capitão Pedro Coelho de Souza, enviado pelo governador do Estado com oitenta Portuguezes e oitocentos indios em varias caravellas para hir destruir a alliança que o Francez Mr. Bombille havia feito com o celebre Mel Redondo, principal capitão da serra Hybiappaba, donde resultava tamanho damno aos Prezidios.»

Taes presidios Portuguezes na costa, anteriores á vinda de Pero Coelho e aos quaes prejudicava a alliança dos Francezes com o principal Mel Redondo, são fructo apenas da imaginação do auctor.

O que ha de verdadeiro é que ao chegar ao districto do Ceará, o capitão-mór muniu-se de auxiliares, mas esses foram indios domesticados alli moradores.

Até no que diz respeito aos nomes dos que a munificencia regia galardoara com as terras do Ceará não andou acertado o escriptor da *Corografia*.

O actual Ceará está comprehendido nas concessões *João de Barros* e *Ayres da Cunha* (100 leguas desde a Bahia da Traição ao Jaguaribe), *Antonio Cardoso de Barros* (40 leguas desde o Jaguaribe ao Mundahu) e *Fernando Alvares de Andrada* (75 leguas desde o Camucim ou Rio da Cruz á Ponta dos Mangues Verdes ou Cabo de todos os Santos, no Maranhão). Todas essas doações occorreram no anno de 1535.

Não sei porque se escreve que tinha o nome de Jaguaribe o territorio actualmente conhecido por Ceará, pois um e outro trecho de terra vejo bem descriminados nos documentos e nos auctores e bem descriminadas as duas denominações desde Pero Coelho.

Lucio de Azevedo á pag. 228 dos *Estudos de historia Paraense* dá a Diogo de Campos a chefia dessa expedição. Que é a ella que se refere prova-o dizendo que os exploradores não poderam passar alem da serra da Ibiapaba e em sua companhia tinha embarcado na qualidade de pratico um grande piloto de costa, francez, chamado Otuimiri.

O sargento-mor do Estado Campos Moreno occupava alta collocação na capitania do Pernambuco, era o homem de confiança dos governadores já para o estudo dos graves problemas militares, já para commissões aos varios pontos della e ao Reino, não se devendo esquecer que mesmo no anno de 1604 foi despachado para a Hespanha a dar conta dos assaltos de navios hollandezes a alguns portos da colonia e a lembrar e propor meios conducentes a se fazer a conquista do Maranhão. Não foi por certo o chefe da expedição vinda ao Ceará em 1603, uma expedição toda de caracter particular, *sem ordem nem braço de Rey*, quando muito ao tempo della fora visitar as fortalezas que havia até o Rio Grande por *obrigação do cargo*, como elle proprio o diz logo no inicio da *Jornada do Maranhão*.

Uma prova disso temol-a completa; dão-na os trechos seguintes da *Jornada do Maranhão*, á pag. 5:

«Tinha o dito Diogo de Campos hum parente seu, o qual de mui pequeno havia mandado com Pero Coelho de Souza, para que servindo naquella entrada aprendesse a lingoa dos Indios, e seus costumes, dando se com elles, e fazendo-se seu mui familiar, e parente, ou *compadre* como elles dizem. Succedeu isto tanto á medida do desejo, que havendo-se Pero Coelho de Souza retirado em descredito dos Indios, e os Padres da Companhia com pouca dita, só o moço chamado Martim Soares Moreno sustentou o credito, e amizade destas gentes do Jaguaribe.»

Tivesse sido Diogo de Campos o chefe da expedição de 1603 e não diria que *mandara* a ella o seu parente Martim Soares com Pero Coelho de Souza, antes diria que o levara comsigo.

Caminhando por jornadas chegaram Pero Coelho e seus companheiros ao rio Jaguaribe, onde encontraram os barcos de mantimentos e dahi seguiram para o Camossim, tendo tocado no Ceará, Oiteiro dos Cocos, Enseada grande do Ambar e Matta do pau de cores, a que davam o nome de Iburaquatiara.

A 19 de Janeiro de 1604 Pero Coelho proseguiu sua marcha para a serra de Ibiapaba, sustentando lucta com os indios, tendo por principaes Juripariguassu (Diabo Grande) e Irapuan (Mel Redondo), auxiliados por Francezes e mulatos e creoulos da Bahia.

Calcula-se que os Francezes se haviam estabelecido em Ibiapaba em 1594. Outros dizem em 1590. Seu chefe chamava-se Manbille ou Bombille.

Destroçados os indios, tomadas suas tres cercas, prisioneiros dez Francezes dos dezesseis que os auxiliavam, Pero Coelho situou seu arraial junto ao rio Arabé, donde enviou soldados a captivar indios, muitos dos quaes foram aprisionados e entre elles o principal Ubaúna.

Pelo horror ás armas portuguezas e captura do muitos chefes e parentes Mel Redondo e Diabo Grande celebraram pazes com o capitão-mór, do que se lavrou um auto, seguindo todos juntos para o Punaré (Parnahyba).

O Diabo Grande mais tarde foi em occasiões um bom auxiliar dos Portuguezes. Foi o braço direito dos Padres Pinto e Luiz Figueira, que com elle moraram mais de 4 mezes, e quem forneceu a Jeronymo de Albuquerque copia de indios frecheiros para a conquista do Maranhão. Um seu filho foi mesmo a Pernambuco a visitar o governador Gaspar de Souza que o acoroçoou a estabelecer entre os indigenas amisades que foram de proveito.

Berredo, comtudo, faz do Diabo Grande a peior das descripções a proposito mesmo da expedição de Jeronymo de Albuquerque: o menos que diz delle é chamar-lhe fera racional.

Querendo Pero Coelho seguir para o Maranhão, rebentou uma revolta entre os soldados, que pretenderam assassinal-o, pelo que foi forçoso retirar-se ao Ceará, onde ficou Simão Nunes com 45 soldados. Partiu então para Parahyba a buscar a familia.

Nova Luxitania foi chamada a terra de que se apossara e *Nova Lisboa* a povoação, que fundou, e que demorava á margem direita do rio Ceará. O nome *Ceará* procede de outro *Ceará* (merim) no Rio Grande do Norte,

de onde tinham vindo os Potiguares, companheiros de Pero Coelho.

Auctores ha, Ayres de Cazal e Southey, por exemplo, que suppõem sem razão que a Nova Lisboa foi no rio Jaguaribe. Candido Mendes a colloca ora no Ceará ora no Jaguaribe.

Em chegando, Pero Coelho deu conta a Diogo Botelho dos successos da expedição, pediu-lhe ajuda e soccorros para proseguir nella e mandou-lhe de presente muitos gentios e os prisioneiros Francezes.

O governador prometteu auxilial-o.

Em 1605 Pero Coelho voltou em uma caravella com a mulher, D. Thomasia, e os filhos, e veio desembarcar no Ceará, onde havia deixado o capitão Simão Nunes, com os soldados, que ahi estiveram anno e meio em um fortim de taipa a aguardar o soccorro promettido pelo governador. Esse forte teve o nome de S. Thiago.

Não chegando tal soccorro, retiraram-se para o rio Jaguaribe capitão-mór, familia e mais comitiva. A' margem do Jaguaribe ficou construido o forte de S. Lourenço.

Desanimados de todo, Simão Nunes e seus soldados fugiram para o Rio Grande, abandonando o capitão-mór; este tentou então tornar para sua casa da Parahyba com 18 soldados, que lhe ficaram fieis, e um indio de nome Gonçalo.

A travessia da infeliz caravana, de que faziam parte os cinco filhos do capitão-mór, dos quaes o mais velho tinha 18 annos, todos a morrerem de fome e de sêde, sob um céo ardentissimo, é um verdadeiro poema de dores.

Depois de perderem varios companheiros, entre os quaes o filho mais velho do capitão-mór (dous filhos, diz Berredo) chegaram os expedicionarios esqueleticos, loucos de fome, sendo acolhidos pelo vigario do Rio Grande.

E tinham partido tão cheios de alegres esperanças que nenhum duvidava da felicidade do successo!

Do Rio Grande seguiu Pero Coelho para a Parahyba e de lá para Madrid e Lisboa, onde morreu depois de passar longos annos a requerer, inutilmente, a paga de

sens serviços. Varnhagen fal-o succumbir no Rio Grande logo após a expedição.

Diogo de Campos assemelhou-o a Manuel de Souza de Sepulveda, que pereceu desgraçadamente entre os Cafres e cujas dores e soffrimentos cantou o Epico Lusitano em 3 bellas Estancias de seu livro immortal. Perfeita a comparação de Diogo de Campos. Sepulveda e D. Leonor de Sá, Pero Coelho e D. Thomasia Uns e outros *viram morrer com fome os filhos caros, em tanto amor gerados e nascidos; os crystallinos membros e preclaros, á calma, ao frio, ao ar viram despidos; depois de ter pizada longamente co' os delicados pés a areia ardente.*

Esses horrores que saltearam a desgraçada caravana e o fim desastroso da expedição descreve-os assim Ayres de Cazal: «Na retirada entrou Pero Coelho pelo rio Jaguaribe, unicamente com o intuito de observar e notando grande numero de vantagens, determinou dar alli principio a uma cidade com o seu estabelecimento. E tendo mandado vir da Parahyba a sua familia, continuava na fundação da colonia com o nome de Nova Lisboa; mas pouco tempo depois foi obrigado pelos indigenas a desistir da empreza e retirar-se á sua vivenda da Parahyba.»

Ou esses trechos futeis e erroneos da *Corografia Brazilica* ou os da *Historia* de frei Vicente do Salvador recommendaveis pelo colorido, cheios de sentimento, pujantes de verdade.

Tal foi o resultado miseravel da primeira expedição Portugueza vinda ao Ceará.

Que a sêde do ouro, que se suppunha existir no Maranhão e tanto afogueava a imaginação dos Portuguezes, foi o movel que impelliu Luiz de Mello e João de Barros vê-so bem da maneira como foram organisadas suas expedições. Guiavam-os os mesmos intuitos dos bandeirantes do sul.

Tratava-se mais de explorar as ricas minas que por lá deviam existir do que de conquistar terras e subjugar indigenas, mas a corrente conductora dos que vieram primeiro ao Ceará obedeceu a impulso muito differente, pois

que neste caso teve por fito principal o commercio illicito da carne humana, o captiveiro do infeliz indigena. Dahi a revolta do indio. Dahi o fracasso da expedição.

Varnhagen tenta apadrinhar deante da posteridade a memoria de Pero Coelho. Para isso foi-lhe necessario entregar á execração publica um outro, João Soromenho, como o escravisador e algoz, como o grande responsavel pelos actos de atrocidade e barbaria praticados então não só com os indios inimigos como com os alliados.

Para o illustre Visconde esse João Soromenho, enviado de Pernambuco com mantimentos pelo governador para Pero Coelho, não foi ter ao seu destino antes occupou-se em captivar os pobres indios, e em ir vendel-os alhures.

Pode ter sido tudo assim, pode Varnhagen ter encontrado, e longe de mim suspeital-o de forjador de documentos, a Provisão Regia de 19 de Setembro de 1606 ordenando a prisão e processo de João Soromenho; o que me espanta é o silencio que a respeito de um tal individuo guardam os escriptores, mesmo os contemporaneos.

O Documento mais antigo que existe sobre a historia do Ceará é o que vae adiante publicado e que faz o motivo desta minha modesta contribuição ao Livro do Centenario: A descripção feita pelo Padre Luiz Figueira de sua viagem ao Ceará.

Devo-a, devem-na os Cearenses ao jesuita van Meurs, do Limburgo Hollandez, que do modo o mais captivante m'a enviou por ordem do seu Superior em Roma.

Nesse documento ver-se-á num dialogo entre o Padre Figueira e o Indio Cobra Azul uma referencia ao modo com que Pero Coelho tratava aos naturaes da Ibiapaba.

Nada menos justo que o nome do capitão-mór substituir nas queixas do pobre selvicola o de outrem cujo procedimento fora mais incorrecto e deshumano que o delle.

E' necessario outro testemunho valioso? Dá-o Diogo de Campos:

E esses juizos, que podião ser temerarios, todavia se fomentavão com novas, que cada dia se escrevião destas desordens que chegarão a estado a Pero Coelho de Sousa que desamparado dos seus e quasi mais vendido do que o forão os que elle vendeu se veio deixando tudo miseravelmente a pé.

Ainda um outro, e mais outro testemunhos?

Frei Vicente do Salvador ao escrever o Capitulo de sua obra que tem o titulo *Da entrada que fez Pero Coelho de Souza da Parahyba com licença do Governador á serra da Boappaba* cita a preferencia que o cunhado de Fructuoso Barbosa dera para suas investidas e explorações á Serra de Boapaba e encarece a circumstancia de *ser ella a mais povoada de Gentio.*

Porque? O auctor da *Historia do Brasil*, o amigo de Manoel Severim, o douto e sisudo chantre como lhe chama Sousa Viterbo na sua magnifica introducção aos Lusiadas, edic. de 1900, não deixaria cahir da penna aquellas palavras sem que algum motivo lhas dictasse ou suggerisse.

Ser a mais povoada de gentio significa que iria a expedição de Pero Coelho enfrentar com maiores difficuldades, mas significa tambem a promessa dos grandes lucros, que adviriam das caçadas humanas; a perspectiva de encontrar obices e difficuldades seria antes um empecilho para que recahisse na Ibiapaba a preferencia, mas a certeza da abundancia do gado humano para as golilhas e os mercados dos barbaros traficantes a explicará egualmente bem.

Eu comprehendo Frei Vicente. Pero Coelho e seu cunhado Fructuoso Barbosa tinham tido graves perdas na Parahyba, a Coroa havia chamado a si a Capitania, era preciso resarcir tudo isso, a serra de Ibiapaba abundava em indios, a captura dos indios era negocio lucrativo, convinha, pois, que fosse aquella serra o territorio ainda virgem do pé portuguez pedido por Pero Coelho ao governador Diogo Botelho.

Uma outra consideração. Frei Vicente do Salvador depois de narrar, e até com minudencias, a primeira expedição á Ibiapaba faz voltar Pero Coelho a Parahyba para buscar a Familia e requisitar mais forças e soccorros afim de proseguir na conquista; *O governador*, diz elle, *lhe prometteu mandar ajuda* e não a mandou por depois ser informado que se captivavão por esta via os Indios injustamente e os trazião e vender e que seria melhor reduzil-os por via de pregação e doutrina dos Padres da Companhia. como depois tratou com o seu Provincial na Bahia. Isso no Cap. 38 livro 4º. No Cap. 43.º, cujo titulo é *Da segunda jornada que fez Pero Coelho de Souza á Serra de Boapabba e ruim successo que teve*, pinta os horrores da travessia de Pero Coelho e comitiva até a altura das salinas e diz: *e estando nellas* (salinas) *virão passar os barcos em que iáo os Padres da Companhia, que era o soccorro que o Governador lhes mandava, mas não lhe puderão fallar.*

Nada mais claro. Diogo Botelho prometteu mandar auxilios a Pero Coelho; effectivamente esses auxilios foram levados, não em petrechos bellicos nem soldados, que isso seria maior combustivel para o incendio em que se abrasava o Ceará, mas na pessoa dos Padres Jesuitas cujo ministerio era todo de paz e conciliação, e delles tão somente por ser informado o dito Diogo Botelho que se captivavão os indios e os trazião a vender.

Não houve, pois, duas occasiões de soccorros, isto é, duas remessas de soccorros, ou por outra, o promettido soccorro conteve-se no barco em que sahiram de Pernambuco os Padres da Companhia, cujas armas eram o breviario e a palavra. Sobre João Soromenho nenhuma referencia, nenhuma allusão, por leve que seja, se encontra em Frei Vicente.

A frei Vicente segue-se Berredo. Este (§ 104 liv. 2.º) depois de narrar os soffrimentos e trabalhos do infeliz capitão-mór escreve que foram *merecido castigo do seu procedimento no cativeiro a que condemnou tanto gen-*

tilismo sem respeito algum nem ainda ao direito das gentes nos privilegios da hospitalidade.

Mais adiante o mesmo auctor, se referindo á influencia desastrosa que nos negocios do Ceará teve a retirada de Diogo de Menezes para a Bahia, e ao effeito produsido no animo dos ignorantes Tapuyas pelas sinistras praticas de um perverso catholico, accrescenta que esse intrigante não cessava de pregar-lhes que Martim Soares tratava de os *fazer a todos escravos como discipulo de Pedro Coelho nas tyrannias de Jaguaribe.*

Mais adiante ainda, tratando dos expedientes de que lançavão mão os Francezes para extender o ambito de sua propaganda e influencia entre os Indios diz que lhes davão a beber no venenoso copo de sua sujeição o aborrecimento da portugueza, de *que conservavão vivas memorias pelo procedimento do capitão-mór Pero Coelho na serra de Ibiapaba e Jaguaribe.*

E o Padre José de Moraes? Esse tambem troveja em indignações contra a ambição criminosa e fatal do astucioso Pero Coelho.

Como a linguagem dos antigos chronistas differe da de Varnhagen, cujo enthusiasmo vai ao ponto de concitar os leitores *a honrarem a memoria do infelix capitão-mór, que tanto trabalhou, sendo innocente victima de seus proprios esforços e da maldade alheia?!*

Não tem razão Varnhagen; o indio cearense foi um miseravel espoliado desde o inicio, desde a descuberta da capitania. Admittindo-se o feito criminoso de Soromenho, devemos ajuntar-lhe na indigna empreitada o capitão-mór Pero Coelho, e um terceiro, o proprio Diogo Botelho, *que reclamava*, diz a «Jornada do Maranhão», *parte das presas, como por cartas e ordens suas hoje parece, discorrendo que como de cativos era gente devida ás primicias de seu governo.*

Alvará Regio de 28 de Setembro de 1612 mandou que se procedesse ao exame das datas de sesmaria concedidas no Rio Grande retirando-se a propriedade aos que não tinham cumprido com as formalidades da lei,

dando-se essas a outras pessoas e reduzindo-se á metade, por excessivas, as datas dos Padres da Companhia e de Jeronymo de Albuquerque. Foram encarregados desse serviço o capitão-mór Alexandre de Moura e o Dezembargador Affonso Garcia Tinoco, nomeado presidente de uma Alçada, que havia de ir a aquella capitania.

Outro Alvará, esse de 29 de Agosto de 1613, ordenou que na capitania da Parahyba se procedesse tambem e pelo mesmo modo á repartição de suas terras.

Tardando demasiado a vir o Dezembargador, resolveu o governador Gaspar de Sousa que o substituisse na repartição das terras o ouvidor geral Manoel Pinto da Rocha, mandado a tirar residencia ao ex-capitão-mór Lourenço Peixoto Cirne. Ganhava com isso o erario pois um só individuo faria as duas diligencias, e muito escassos eram então os recursos.

Lançaram-se os necessarios pregões, tanto em Pernambuco como na Parahyba, para que concorressem os candidatos ás terras devolutas, e no Rio Grande para que os que já possuissem terras ratificassem e demonstrassem a validade legal de suas posses.

Ninguem, porem, concorreu a defender as terras que tinha nem a requerer novas. Os proprios jesuitas não se apresentaram e Alexandre de Moura declarou caduca a concessão delles. Todas essas occurrencias vem relatadas em uma sua carta dirigida de Pernambuco a El-Rei a 27 de Junho de 1614.

Na carta Alexandre de Moura noticia tambem que uma das urcas que iam para Moçambique, capitão Francisco de Sousa Pereira, dera a costa acima da Bahia da Traição a 31 de Maio, que a nau da India entrada em Angola a 2 de Maio a cujo bordo vinha o Viso-Rei Rui Lourenço de Tavora peleijara no Cabo da Boa Esperança com duas de Hollanda, e que a nau em que ia D. Luiz da Gama deixara Angola a 28.

Das deligencias que se fizeram lavrou-se um Auto que foi iniciado em data de 21 de Fevereiro. Nesse auto vem descriminadas 185 datas de sesmarias obtidas no Rio

Grande, sendo a 1.ª de 2500 braças de terra ao longo do rio Potigy concedida a João Domingos Colaço e da qual foi depois por compra proprietario o vigario da capitania Gaspar Gonçalves Rocha, e a ultima dada por Gaspar de Souza ao escrivão da fazenda Pero Vaz Pinto.

Depois de relacionadas as datas appareceu uma carta de terra concedida por Manoel Mascarenhas a Francisco Domingues Santiago, natural de Vianna, que fora o piloto-mór da armada em que viera aquelle capitão-mór conquistar o Rio Grande.

Ora, nessa lista de concessões de datas de sesmarias ha duas, sob n.os 17 e 47, que dizem assim:

Ha data dezasete foi dada a João Seremenho por o capitão João Rodrigues Colaço em vinte e tres de Abril de seissentos e hu, he de mil e quinhentas braças ao longuo do mar, quinhentas para ho norte do ryo Perangy para ho norte quinhentas, e do dito ryo pera o sul mil, e para o sertão mil e quinhentas na qual praia ha dous portos de pescarias hu em q' sempre se pescou que he o da banda do sul e ho da banda do norte avera doz annos que o deixou João Seremenho.

Ha data corenta e seto deu João Rodrigues Colaço ha João Seremenho em trinta e hu de Março de seiscentos e tres, são huas quinhentas braças de costa, comessão de outra data do dito João Seremenho para ho sul, e pera o sertão como a outra data no qual porto pescava e comtinoava o dito João Seremenho da outra sua data donde tinha a caza. Não serve de mais q' para a pescaria--

Será por ventura esse João Seremenho o Soromenho de Varnhagen?

Existe um Mappa attribuido a Pero Coelho, o qual vem appenso, como outros, ao livro *Razão do Estado do Brazil* de Dîogo de Campos Moreno. O Mappa traz o seguinte titulo: Descripção do verdadeiro descobrimento e nova conquista do Rio de Jaguaribe, Serras de Ariama, muibuapaba e ponaré e cõfins do maranhão q' fez o capitão-mór pero coelho de Souza de Ordem de dioguo

botelho Governador e capitão geral do estado do Brasil des do Anno de 1603 té o de 1608 com todos seus portos, Barras, Serras e Rios cõ suas nacensas.

O Mappa dizendo-se de 1603-1608, basta essa indicação para me fazer pensar que não é da lavra daquelle a quem tem sido attribuido, visto como o que a historia ha apurado sobre a ultima phase da expedição á Ibiapaba e os ultimos annos do infeliz capitão-mór, seu chefe, não é para permittir-lhe a tranquilidade de espirito necessaria á confecção de trabalhos desse genero.

Em 2.º logar, o anno de 1607 já registra a vinda dos jesuitas Pinto e Figueira por ordem de Fernão Cardim ao Ceará; porque, então, aquella data 1608?

Em 3.º logar Pero Coelho, cujo fado miserando o auctor da Jornada do Maranhão comparou ao de Sepulveda na Cafraria, era homem de guerra e tão somente, não lhe ornavam o espirito dotes scientificos, conhecimentos de geographia e cartographia.

Em 4.º logar é reparavel que o Mappa encerre indicações tocantes a territorios pelos quaes não consta que andara a expedição de Pero Coelho.

Penso que o engano de se lhe attribuir a feitura do Mappa estriba-se nas palavras *que fez o capitão-mór*.

No meu entender quem escreveu o titulo do Mappa pretendeu referir-se com aquelles termos não á *Descripção*, mas ao *Descobrimento e nova conquista*.

Que o Mappa é de data anterior á vinda de Martim Soares ao Ceará (1611) isso creio tambem, e quando outras razões não tivesse, bastava o facto de conservar o nome de Sãotiaguo ao fortim Portuguez, á margem do rio Ceará.

Em verdade si o Mappa fosse daquella data (1611) ou posterior, devia nelle figurar o dito forte não mais com o nome de S. Thiago, seu appellido original, mas com o de N. S. do Amparo ou o de S. Sebastião, os padroeiros das construcções do grande amigo do principal Jacauna. Agora mesmo me chegou ás mãos a traducção por Alfredo de Carvalho do mui precioso Diario da Ex-

pedição de Mathias Beck ao Ceará e lá vem citado por vezes o forte de S. Sebastião.

Porque não dar-se a auctoria a outrem, p. ex. ao proprio Diogo de Campos, o auctor da *Razão d'o Estado do Brasil?* Sargento-mór da Capitania de Pernambuco era elle, em expedições diversas tinha entrado, mais ou menos profundo conhecimento possuia das terras do Ceará já por si, já por informações de Pero Coelho e do proprio sobrinho Martim Soares: facil lhe fora confeccionar um mappa para appendice ao seu livro. Eis, penso, uma opinião mais para acceitar do que a que pretende que se occupasse em deixar no papel reproduzidos os traços de sua penosa jornada quem della, se pudesse, arrancaria a lembrança da mente acabrunhada, quem pelos areiaes ardentes e pelas vargens dilatadas do Ceará deixou aos pedaços o coração alanceado.

***

«Acabado este successo (o de Pero Coelho) pareceu ao Collegio dos Padres da Companhia de Jesus,que esta empreza era sua delles, e de sua opinião, e doctrina, como em fim pessoas dedicadas a descer, e amparar os indios. Pelo que havendo-se bem aconselhado na materia pedirão licença para dois Padres, e quarenta Indios irem até a grande serra da Buapava, e della ao Maranhão, ou ao menos ás partes a elle mais visinhas Porque entendião, que os mesmos Indios havião de abalar-se para os receber, e levallos a tomar posse de todos aquelles mundos: porém Deus foi servido de outra cousa.» Assim se exprime Diogo de Campos na sua *Jornada do Maranhão.*

Dentre os muitos candidatos a essa empreza arriscadissima a experiencia dos superiores foi escolher aos Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, tão animados sempre das generosas influencias dos seus grandes espiritos, na phrase do insuspeito Berredo.

Nasceu o Padre Francisco Pinto em Angra, Ilha Terceira, no anno de 1552, de paes nobres com os quaes

se embarcou menino para o Brasil, e creou-se em Pernambuco até a edade de 17 annos quando transportando-se á Bahia entrou para a Companhia de Jesus a 31 de Outubro de 1568.

Passados os annos do noviciado e estudos, logo que teve a edade precisa recebeu a ordenação e porque gosto excessivo e vocação decidida o convidavam á vida asperrima das Missões, não seguiu o curso ordinario das cadeiras nem foi professo do 4.º voto, antes contentou-se com ser coadjuctor espiritual, e fez a formatura no anno de 1588.

O zelo em que se abrasava pela conversão das almas levou-o primeiro ás aldeias de indios mansos, mas em breve sendo pequeno esse theatro á sua sêde de proselytismo e de amor christão entrou a perlustrar os sertões invios e agrestes, cheios de perigos, ricos de fera.

Cinco vezes a Provincia do Brasil contemplou o apostolo abnegado a fundar aldeias e a convidar nações de indios ao gremio da civilisação. O que foi sua existencia em taes logares, a braços com a morte em todos os instantes e a mal desenvincilhar-se de ciladas e riscos de toda sorte pode-se bem aquilatar; a todos os obices, porem, levavam de vencida sua prudencia e sua mansidão; todas as difficuldades se apoucavam ou se nullificavam diante da sciencia com que sabia conquistar os corações dos indios, cuja lingua aprendera em grau de eximia perfeição e cujas usanças profundamente conhecia.

O que foi o Padre Francisco Pinto em suas relações com os habitantes da floresta dil-o bem a reputação que deixou entre os seus irmãos de habito. Seus actos, modos e expedientes constituiram um como compendio de ensinamentos para os missionarios de seu tempo e os missionarios futuros.

Tenho sob os olhos um velho manuscripto por um membro da Ordem de Jesus, que pretende dar instrucções aos Missionarios do Maranhão sobre o modo que devem observar nas entradas ao sertão. O typo escolhido como exemplar é o veneravel Francisco Pinto. Fora elle o 1.º

a apontar o caminho para a missão do Maranhão, seria elle em tudo e por tudo o modelo para seguir e imitar.

Leamos a chronica do velho jesuita:

Para instrução dos Missr.os do Mar.ão darei hua breve not.a do modo e forma q' se deve observar nestas entradas ao sertão, e q' commum.te obrava o V. P. Fran.co Pinto, q' deve ser o exemplar dos nossos Missr.os pois foi o 1.º que nos mostrou o cam.º p.a a Missão do Mar.ão

Procurava este zelloso Missr.º informarse dos indios da sua Ald.a das Naçoens q' havia por aquelles sertoens, averiguava o seu genio docil ou bravo, o seu modo de vida mais ou menos politico se vivião em comunid.a ou dispersos como feras se tinhão povoação estavel ou erão de corso e vagabundos etc. Informado de tudo ou se preparava logo e punha a cam.º ou (e era o q' julgava mais acertado) praticava e instruia bem alguns Indios mais capazes e parentes ou visinhos daquella Nação para o q' he m.to conv.e procurar sempre conservar nas Ald.as Indios visinhos. A estes dava o P. alguns regalos p.a os Indios como são volorios, facas, machados, fouces e algus vestidos de côr bonita por novi.dade e distinção para os Principaes, q' athe nestes Barbaros nos quaes se não conhece o vicio da cobiça são as dadivas a maior man p.a os attrahir e ainda q' sejão estas cousas de pouco valor, como são m.tas os Indios são grandes os gastos q' nisto se fasem, mas a nenhuns se deve perdoar pellas preciosas joias q' com elles se comprão em tantas almas p.a Deus. Assim preparados remetia o P.e Pinto pr.º estes Embaix.es recomendandolhes não lhes digão logo q' o P.e fas tenção ir visitalos porq' não succeda com o medo fugirem daquelle seu lugar; que não levem armas ou as levem baixas e fação as mais serem.as q' conheção por ellas os Gentios q' vão de paz. Toda a suma da 1.a Instrução ha de ser—q' o P.e fulano, q' he o Missr.a delles Embaxadores, he m.to amigo daquella Nassão, e q' em sinal da

sua amizade lhe manda estes, e aquelles mimos —e nada mais. Daqui se seguem mil preguntas, q' começam logo a fazer os Indios aos Embaxadores: a saber como e donde veyo o P.e a viver com elles, que modo de vida tem, como os trata e q' fim pertende etc. Aqui os Embaxadores, se o fazem bem, são os milhores Missr.os, porq' os persuadem com a ocazião destas repostas a m.tas conveniencias q' tem os Indios q' vivem na Comp.a dos P.es Tem estas Embaxadas hu de tres effeitos: o primr.o, e he rariss.mo se são parentes ou vezinhos os Embaxadores he funesto, respondendo-lhe com as Armas e pertendendo dar a morte aos q' lhe levão a vida. O seg.do mais ordinario he responder como os Athenienses a S. Paulo audiemus te de hoc iterum: e o terceyro muitas vezes uzado he virem logo com os Embaxadores dois ou tres Indios mais capasos visitar o P.e e mostrarem todos hua grd.e ancia de o ver nas suas terras. Se os Embaxadores chegão a conhecer q' este desejo he verdadr.o e de coração lhes dificultão a vinda com as muitas ocupaçoens do P.e mas ao mesmo tempo lhe offerecem todos os bons officios para persuadirem ao P.e a vinda as suas terras. Tudo isto e ainda com mayor miudeza consignava o P.e Pinto aos seus embaxadores, e se lograva a fortuna de lhe trazerem alguns Indios da Nassão, q' pertendia conquistar para Christo não é facil dizer os carinhos e afagos com q' os tratava, os mimos q' lhes dava, e o amor com q' se entranhava nos seus coraçoens. Feito isto os rometia as suas terras p.a q' discessem aos seus Parentes o tempo em q' o P.e lá poderia ir vezitalos contandoo pellas luas e he o modo por onde os Indios regulão os tempos.

Preparavase logo o P.e e o principal preparo deve ser velorio, facas, tesouras, agulhas e mais dons deste genero p.a convidar os Indios. Com isto e —com o Altar portatil e hua rede esta feito todo o preparo p.a a jornada, porq' o mantim.to q' de ordinario consiste em farinha de páo bastará q' seja só p.a o pr.o e seg.do dia pois por mais q' leve o Missr.o nunca lhe pode chegar p.a toda a jornada porq' os Indios q' a carregão em bre-

ves dias a acabão asim pela sua n.ª voracid.ª como por se aliviarem da carga. E tambem prqu' os mattos e bosques do Brasil crião multidão de caça e os rios infinidad.ª de peches, q' com varias raizes de arvores, q' suprem o pam bastão p.ª o sustento da natureza humana ainda q' ao principio he n.ª o estranharce. Alguas horas antes da noute fazia alto o P.ª com os Indios q' o acompanhavão; huns tornavão a caza ou tejupar em q' havião de dormir, q' são huns páos armados com palmas por sima e tudo offerecem com m.ta facelid.º aquelles bosques; outros hião a pescar ou caçar conforme a ocazião q' lhe ofe-recia a paragem, he rara a ves que voltam sem o neces-sr.º p.ª o sustento assim porq' os mattos q.to menos talados da gente mais caça e peche tem como porq' os Indios são mui destros e excedem os Europeos neste exercicio. Asim pasava o P.ª as noutes cercado de fogueyras por causa das feras e tigres do matto e as mais della passava em vigia por causa da multidão de mosquitos q' de ordinario ha em todas aquellas paragens. Mas esta molestia se lhe metigava toda com o gosto e consolação de seu espirito, que sentia na oração em q' passava estas noutes pedindo a D.ª o bom exito do fim q' o levava com tantas incomod.es Hu dia antes de chegar a Aldea despedia alguns Indios a avizar aquella Nassão de sua chegada para os não apanhar de repente e lhes mandava dizer o dezejo q' tinha de os achar a todos juntos, e q' no dia seguinte teria o gosto de se avistar com elles

Chegado o P.ª a Ald.ª hia logo demandar hua casa aberta, q' de ordinario costumão ter os indios no terreiro da Ald.ª p.ª os forasteiros mais proxima a caza do Principal Armavão lhe logo os Indios a sua rede na d.ª casa em q' o P.ª se sentava. A poucos passos vinha o Principal e ao entrar da casa saudava o P.ª com estas unicas palavras; q' são as suas ordinarias saudações *er jur oân* q' querem dizer *já vieste?* e responde o P.ª com estas com o mesmo laconismo *ajuroan, já vim*, e asentase o Principal: a este seguem os mais Indios principaes, e

depois destes toda a Ald.ª fasendo todos a mesma pregunta, e respondendolhe o P.e com a mesma reposta sem mais palavra algua de p.te a p.te Seguemse logo as Mulheres e a primeyra é a mulher do Principal q' todas sem dizer palavra vem ter com o P.e e cada hua lhe tras e poem junto delle sua cuya ou tijela do manjar de q' uzão. Outras trazem suas bebidas, q' os Indios fazem de varias raizes e da mesma farinha de páo. Posto tudo na casa, q' fica quase cheya pede o P.e o prato da mulher do Principal e come, ainda q' lhe custe algu bocado, e o mesmo deve fazer dos mais pratos e bebidas ou mostrar q' o faz ainda que lhe custe por evitar o recentim.to da mulher q' o trouxe, e de seu marido.

Acabada esta seremonia pasada toda em silencio retirão os Indios da sua cometiva os pratos, e o P.e se senta na sua rede, então se levanta o Principal e fala ao P.e dandolhe as boas vindas com mayor extenção. Por ordinario lhe dis—q' havia dias antes visto hu pasaro de grd.e novid.e, ou q' tinha sonhado q' vinha hua grd.e chuva q' fertelizava as suas siaras etc e q' agora conhecia q' aquilo erão avizos da vinda do P.e as suas terras etc. Continua depois a sua fala, q' de ordinario aprendem p.a receber os forasteyros, e consta comum..te ou das guerras e lastimas, q' tem sucid.o a a sua Nassão em tom lamentavel e triste, ou das victorias, que tem alcansado e mortes q' tem feito a seus inimigos com tom Barbaro e furioso. Concluida a fala q' de ordinario acaba com aplauso dos circunstantes *Supirupi supirupi* q' quer dizer he verd.e he verd.e A esta fala respondia o P.e Pinto por sy se sabia a lingoa ou por interprete q' levava com outra fala semelhante com a qual os persuadia do grande amor q' lhes tinha, e que este o obrigara a emprender aquella viagem com tanto trabalho, e aqui lhes hia contando tudo o q' na viagem lhe sucedera, e concluia a sua reposta q' o fim de todos estes trabalhos não era outro q' buscar a sua amisade e o seu bem, e defendelos de sous inimigos mostrandolhe grd.e sentim.to dos males q' lhe tinhão contado

etc. Acabada a fala logo o P.e começava a repartir os mimos q' lhe levava principiando pello Principal e sua mulher ou mulheres, e depois pellos mais sendo mais avantajados os mimos comforme a graduação das pessoas, mas de sorte q' não ficava nenhu sem algua prenda do P.e E nada lhe falava por hora em materia de irem com elles, nem da sua salvação ainda q' era o fim q' lá o levava. Tudo isto deichava ao principio p.a q' os Indios seus comp.es lhes afeiçoacem primeyro as vontades; porq' acabada esta função serretiravão todos, e o Padre se ficava rezando e encomendando a Deus. Logo os Indios da Ald.a procuravão informarse dos q' acompanhavão ao Padre do seu modo de vida, do modo com q' os tratava, q' fazião na Ald.a etc., e ao que tinhão ocazião os Indios de lhes dizer todos os bens, q' tinhão na comp.a do Padre, p.a o q' este os tinha bem instruido. Tudo cauzava grande novidade naquelles gentios; o que lhe fazia mayor admiração era o dizerem lhe a jornada grande, q' o Padre tinha, feito das suas terras deychando seus Pays e Parentes só por vir viver entre elles: a esta admiração se seguia outra mayor de q' o Padre não tinha mulheres comsigo nem queria uzar dellas e esta era a primeyra cousa q' o Padre dezia aos Indios que lhes dicessem por terem o custume barbaro de offerecerem mulher ao hospede q' os vizita, em ordem a não lhe fazerem tal offerecim.to

Acabava o Padre Pinto a sua reza, e com hus seus Indios se hia pella Ald.a visitar a todos; procurava saber dos enfermos q' havia e logo os vizitava o se os achava muribundos repetia as vizitas, e de ordinario lograva o baptizalos, e nenhua entrada fes ao sertão q' não tivece a justa consolação de muitos Baptismos de innocentes, e adultos moribundos. Como hia de casa em casa concorrião logo todos os mininos a acompanhar o Padre, q' os atrahia a sy com velorios e anzoes a q' todos correspondião com grande gosto estimando a dadiva e o Padre que lha dava. P.a mais os trazer a sy os abraçava e lhe fazia mil meiguices athe se fazer como S. Paulo menino com elles. Tomava nos seus braços os pequeninos...

E vae assim proseguindo o manuscripto sobre as traças e santas praticas a que se soccorria o piedoso catechista.

Como conhecia esse missionario os segredos do coração humano, adaptava sua intelligencia culta ás noções rudimentares da vida selvagem, e depunha aos boccados e com meticuloso interesse na mente apoucada do solvicola a semente da moral christã e dos ensinamentos sadios!

E, todavia, homens ha que em nome da sciencia procuram pôr entraves, amesquinhar e dar como nulla a acção do missionario entre os factores da civilisação dos povos barbaros e selvagens, acção muita vez empecida pelos governos, pela politica e pelos mandões locaes e por isso mesmo manietada, paralysada nos seus meios e deturpada nas suas consequencias.

Pobre anthropologia, pobre historia por iras das quaes se alaparda o odio sectario.

Mas esses que, no recesso do gabinete, accumulam argumentos sobre argumentos, illações sobre illações, para demonstrar a inutilidade das missões religiosas, esses que nas praças publicas irritam as paixões populares e, mentindo á verdade dos factos, plantam nos espiritos a desconfiança contra os que trocam patria, familia e confortos pelas fadigas, as luctas e a morte nas regiões mais inhospitas do globo, não se sentirão por certo de animo disposto, e muito menos procurarão de motu proprio e por seguir intuitos philantropicos, a escrever não direi uma pagina mas uma linha sequer desse livro de abnegações e sacrificios escripto pelos Pintos, Figueiras, Vieiras, Nobregas e Anchietas.

E'-lhes commodo fallar das cathedras das academias e das columnas dos jornaes sobre a inanidade dos alheios serviços á civilisação e ao progresso, mas lhes repugna e fal-os estremecer de medo o nome do Aymoré façanhudo e do Tacariju implacavel; é-lhes commodo pregar contra a orientação bemfazeja da Egreja, mas para esses o deserto não tem attractivos, os rios caudalosos e os montes

escarpados dão vertigens e desfallecimentos, nada, em uma palavra, os convida ás fogueiras, ás flechas e aos tacapes que ameaçam a cada passo o frade que chamam de ignorante e inutil.

De taes actos heroicos não se sente capaz a fibra dos declamadores ingratos.

Vinha de longe a sciencia de Francisco Pinto em cousas da catechese. Fora elle, então simples irmão, companheiro do Padre Luiz da Gran na conversão das gentes do Rio Real, em busca das quaes ia a pé e muitas vezes descalço e quando se lhe offerecia uma cavalgadura recusava-a dizendo que ia em peregrinação a Santo Ignacio; fora elle Superior da Aldeia do Espirito Santo ao mesmo tempo que o era da de Santo Antonio, ambas na Bahia, um outro sacerdote de nomeada, o Padre Pedro Leitão; fora elle já por duas vezes missionario dos indios do Jaguaribe prestando relevantes serviços a Deus e á Corôa de Portugal, sendo que numa dellas completou o ajuste de pazes que aos moradores dali haviam proposto em 1597 Manoel Mascarenhas Homem e os Padres Diogo Nunes e Gáspar de S. Peres e os fez jurarem que haviam de permittir a livre assistencia dos Portuguezes e a livre creação dos gados de sua propriedade.

Data desse tempo o nome de *Amanayara* ou *Amanijura*, senhor da chuva, com que entre os indios ficou sendo conhecido. A alcunha, segundo a tradição, teve a seguinte origem:

«Nesta occasião, escreve um dos seus biographos, sucedeu haver naquella costa e sertão hua seca extraordinaria, e recorrendo os Indios ao Padre Pinto lhe pedirão que lhe alcançasse de D.ª chuva p.ª as suas sementeiras, que se perdião. Ficou o Padre perplexo com esta petição; a sua humildade, e pouco conseito, que fasia da sua virtude orretrahião desta suplica reconhecendose por indigno deste favor do Ceo. Por outra parte via que este milagre arreigaria mais na fee aquellas tenrras plantas, e temia q' a falta delle as murchasse. Nesta perplexidade recorreu a D.ª propondolhe a sua confusão

e aquella necessidade pedindolhe quizece confirmar com a agoa de q' necessitavão, errogar com ella aquella tão fecunda e dilatada siára, q' prometia tantos frutos. Couza maravilhosa! acabou o Padre Pinto a sua suplica, e ao mesmo instante se desfizerão as nuvens em agoa. E vendo este milagre os indios ficarão admirados do poder do Padre ao qual não nomiavão, nem nomiarão dahi por diante por outro nome que o de *Amanijara*, que quer dizer *Senhor das chuvas.*»

Facto identico de cahirem chuvas após as orações e supplicas de Francisco Pinto tornou-se tradicional entre os Indios da Bahia, dos quaes era morubixaba Gregorio Dias.

A' sua ida com Luis da Gram ao Morial (Rio Real) se referem os seguintes trechos de um inedito, que devo ás pesquizas de meu distincto e bom amigo o Professor Capistrano de Abreu:

«Viendo como nuestro Sr. ponia los ojos en la gente del Morial (Rio Real) parecejo necessario prover de mas obreros y por el padre Luis da Gran tener mucha experiencia en la cõversion destos Indios y ser de todos mui conocido y amado pareceo servicio de Dios ponerle nas manos esta empreza la qual el acepto con gran charidade y deseos de padecer muchos trabajos por amor de Dios, e assim fue por este camiño obra de 40 ó sincoenta legoas levando por companero el hermano Francisco Pinto, lengoa, y con ser ja el padre vejo de mas de sincoenta años sempre fue a pé y muchas veces descalço por los caminos. No suffria otra cosa, y aum q' un hombre honrado, que yva en su compañia le offerecia a su cavalgadura de mui buena voluntad nunqua la quizo aceptar. Escusava dizendo que yva en perigrinaçõn a S. Ignacio. Mas dava le Dios tanto esforço en el camino que parecia en el passar dellos trabajos mancebo de viente annos.

Sabiendo los indios de la aldea de Santo Thomas q' iva el Padre a visitallos sallio mucha gente a el camino a recebillo llevãdo algu refresco conforme a su

pobresa para los q' ivam en su compañia teniã la *ca'le* por donde havia de passar enrramada y con algunos arcos, e la alegria que tuvo el padre Gaspar Lourencio y su compañero fue muy grande porq' veyan ya con sus ojos lo q' deseavã.»

Nasceu o Padre Luiz Figueira no Campo de Ourique na villa de Almodavar, Arcebispado de Evora em 1574, si bem que Innocencio da Silva o dê como nascido em 1574 conforme uns, ou em 1575 segundo outros. Foi seu conterraneo Fernão Guerreiro, auctor de varias Relações dos feitos da Companhia de Jesus em India, Portugal e suas conquistas, sendo que uma dellas, a que se refere aos primeiros missionarios do Ceará, tive o prazer de trasladar para as paginas da Revista do Instituto (1902) com algumas notas de minha lavra.

Entrou como noviço no Collegio de Evora a 22 de Janeiro de 1592 frustando assim fundadas esperanças que promettiam seu grande talento e o notavel aproveitamento, que sempre o distinguiram entre seus companheiros de aulas, talento e aptidões que reservava, attrahido do Alto, para uma vida de natureza e ordem mui diversas.

Era fornecido de muitas graças do Ceu, dons naturaes, raros talentos e grandes letras, diz João Felippe Bettendorff na sua *Chronica da Missão da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão.*

A *Chronica* de Betendorff está ainda inedita. O Instituto Historico e Geographico Brasileiro possue uma copia de boa lettra feita, parece, sob a direcção de João Francisco Lisboa a julgar por certas emendas de lettra semelhante a delle. Mello Moraes emprehendeu publical-a, mas não realisou tal intento por não considerar intelligivel o texto, segundo se me mandou dizer do Rio de Janeiro e se vê tambem de uma nota na sua *Corographia.*

Della, como das obras de outros historiadores, darei em appendice alguns trechos, mais ou menos extensos, no intuito de ajuntar informes sobre os primeiros paes na fé, que teve o indio cearense.

No anno de 1602 partiu Figueira já sacerdote para o Brasil e aqui exercitou-se nas fadigas do apostolado como discipulo aproveitado do veneravel Francisco Pinto em quem descubrira o mesmo intenso amor pela conversão e reducção dos gentios de que elle proprio se abrasava, como o provou á saciedade nas entradas pelos sertões da Bahia e Pernambuco. Um e outro sentiam em si frenesis de renuncia e só cuidavam dos soffrimentos e necessidades alheias. O discipulo fazia honra ao mestre querido. Fé e Patria, isto é, a conquista do indio para o gremio da Egreja e para a alliança Portugueza eis sua divisa, seu empenho capital e unico. Tinham elles os olhos erguidos bastante para o ceu para que não os tentassem os mesquinhos interesses e as paixões tumultuosas e desordenadas da terra.

Que differença vae dos simples, chãos e abnegados soldados da Cruz para os que apparelhados de machinas aperfeiçoadas de combate, bolsos recheiados de dinheiro, fazem a guerra moderna pelos sertões africanos e pelos steppes do mundo asiatico!

Aquelles, heroes ignorados, obedecem a alevantados ideiaes e morrem ao peso das fadigas e sacrificios, e mal se guarda delles a memoria quando não a amaldiçoam por que os envolve o burel; estes sobem ás posições principescas, ao fastigio do poder, merecem estatuas e trophens e a musa official e as trombetas da imprensa lhes cantam as façanhas e aventuras e os eternisam na fama e nos louvores publicos.

De tal tempera e com taes preparos eram os dous homens que tomaram aos hombros a missão gloriosa de pregar a civilisação e de dilatar a fé christã entre os selvagens do Ceará e do Maranhão.

A empreza era a mais temeraria. Estava bem fresca a memoria dos actos de Pero Coelho e de seus asseclas a fechar o caminho a qualquer tentativa. O mau effeito das ardis e das atrocidades commettidas perduraya e perduraria ainda longamente. A quebra da palavra dada, os estratagèmas e as ciladas, o captiveiro, os grilhões se-

meariam em sua passagem a desconfiança, e gerariam tremendas represalias, porque, como acertadamente pondera João Lisboa no Jornal de Timon, o procedimento cruel de Pero Coelho não teve só o mau resultado immediato, antes penetrando-se a lembrança delle na memoria dos indios, por longo tempo os trouxe alienados e esquivos e foi grande e duradouro obstaculo ás expedições posteriores.

De tudo sabiam elles, mas foi, é, e será sempre o sublime ideial do sacerdote catholico não recuar diante dos trabalhos si delles resultar a conquista das almas, si com elles fructificarem as doutrinas da Egreja, de que são os ministros e representantes.

Partiram de Pernambuco os Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira a 20 da Janeiro de 1607 por ordem do Provincial Fernão Cardim, e não Simão Pinheiro como diz José de Moraes, e com o concurso do governador Diogo Botelho, com razão interessado em empreza de tamanho alcance; conduzin-os um barco, que ia a carregar no Jaguaribe e accompanharam-os cerca de 60 indios, tupinambás, potiguares e tobajares, sob o commando de Belchior da Rosa, que mezes depois morria hectico na Serra da Ibiapaba.

Eram muitos delles do numero dos captivos da expedição de Pero Coelho aos quaes haviam Ordens Regias restituido ás aldeias mandando-os repatriar. *Pera que a ida delles fosse sem sospeita de engano pareceo bem ao padre pr.^al q' não levassê cõsigo Portugueses.*

E' inexplicavel que Berredo (§ 105, liv. 2.º) e João Lisboa (p. 73 vol. 2.º) registrem a expedição dos dois jesuitas no anno de 1605; por outro lado, com mais censuravel incuria, José de Moraes a colloca no governo de Gaspar de Souza, que teve inicio em 1613.

A data da partida foi a 20 de Janeiro, como disse; não podia ser a 5 como a outros se afigura, pois que a 1 de Fevereiro estavam no Jaguaribe e de um ponto a outro não levaria a viagem, de barco veleiro e sempre com vento em popa, tão crescido numero de dias.

Basta confrontar com essa algumas viagens daquelles tempos e ver-se-á si ando acertado. O caravellão de Sousa d'Eça, que Gaspar de Sousa mandou a soccorrer o Forte de N. S. do Amparo, deixou Pernambuco a 28 de Maio de 1614 e chegou a Jericoacoara a 9 de Junho; a armada de Diogo de Campos sahiu de Pernambuco a 23 de Agosto de 1614, a 24 fundeava na Bahia da Traição, a 26 estava no Rio Grande, donde sahiu a 5 de Setembro depois de reparado um ligeiro contratempo succedido ao navio capitania e a 7 de Setembro aportava a Mocuripe. E eram navios armados em guerra.

Chegados os Padres ao Jaguaribe, o Taparyba de Rettendorff, o Giagariva de Patrignani, alguns indios que eram dahi naturaes por sua ordem entraram pelos mattos a descubrir os parentes e conhecidos, conseguindo que muitos delles, já menos receiosos de Portuguezes e dos tapuyas que andavam em mortiferas correrias, se puzessem em relações amistosas e viessem engrossar a comitiva, que se partiu do Jaguaribe dia de N. S. das Candeias, 2 de Fevereiro.

Seu modo de andar não era em tipoias ou redes nos hombros dos indios, como aprouve dizer a alguns dos nossos escriptores, Varnhagen e Catunda por exemplo, mas a pé, á maneira de peregrinos, firmados em bordões, breviario sob o braço e cabaz de agua ás costas. Junto seguiam os indios carregando o altar, vinho, cêra e um pouco de farinha.

Depois de andarem todo o mez de Fevereiro, chegaram a 2 de Março ao Pará, sendo recebidos festivamente pelos indios, uns 60, estacionados naquella paragem sob a chefia de Acajui, e entre elles se demoraram cinco dias.

Segundo ver-se-á da descripção do Figueira, foi o Pará a primeira aldeia propriamente dita a que chegaram os missionarios. Não é sem motivo que me detenho nesse reparo. Todos os escriptores, consoante a versão deixada por José de Moraes, dão como sua primeira parada o logar Ceará *que tinha desamparado Martim Soares*, onde

os recebeu e agasalhou Algolão (Amanay), principal da nação Potyguar, o qual captivo dos seus modos e convencido por seus discursos convocou aos demais indios e sob a direcção zelosa dos P.es fundou uma aldeia, seguindo-se a essa outras mais que tiveram nomes de Parangaba, Paupina e Caucaia.

E' muito minuciosa a narrativa que deixou Figueira de sua peregrinação em demanda da Ibiapaba, e pois, incomprehensivel é essa omissão de seu encontro com Amanay, maxime quando não se cansa de nomear os chefes indigenas com os quaes esteve em contacto.

Penso hoje que José de Moraes procurando descrever a viagem emprehendida desde Pernambuco quiz aos muitos louros dos dois apostolicos varões accrescentar ainda o de haverem visitado e missionado no logar Ceará na ida para a Ibiapaba.

E tanto em mim cresce esse modo de pensar quando vejo que Figueira, já orphão de seu veneravel companheiro, silencia sobre o chefe Algodão e se occupa do Lagartixa espalmada ao descrever sua visita á aldea do Ceará, e os veixames e contratempos por que ahi passou e dos quaes quiz eximil-o a Providencia, que o destinava a outros martyrios bem longe daqui e em epocha muito mais remota.

Deixaram o Jaguaribe a 2 de Fevereiro e chegaram a 2 de Março ao Pará *depois de terem caminhado todo mez de Fevereiro*. Mais um argumento, e esse decisivo, contra o P.e José de Moraes, isto é, contra a parada dos Padres no Ceará. E José de Moraes lhes attribue trabalhos e serviços tres na aldeia do Algodão que não um mez mas dois e tres mal lhes bastariam para leval-os a cabo.

E' certo que Algodão communicou com Francisco Pinto e Luiz Figueira, mas nunca no Ceará, sim na Ibiapaba mesmo, para onde se transportou afim de os conhecer e os ouvir sobre as pazes e as garantias de liberdade concedidas aos Indios pela Coroa.

No trajecto para a Ibiapaba passou elle pela casa do chefe Cobra Azul cujo filho o accompanhou, e ambos de volta se retiraram gratos e admirados dos Padres a quem promotteram em nome de suas nações que não mais fariam guerra aos da serra e iriam se congregar para estabelecer-se junto a costa perto do já citado Pará.

O Pará é o Parnamirim ou Parasinho.

A historia é assim mesmo que se faz e que se apura. Longos annos são narrados os factos desta ou daquella forma até que do pó dos archivos se desentranha um documento, que, merecedor de fé e bem interpretado, dá aos individuos e aos seus actos feição differente daquella com que até então haviam sido encarados e julgados.

Pouco depois de deixar a ensenada do Pará, os Padres affastaram-se da costa. Com o inverno fazia-se-lhes impossivel atravessar os muitos e grandes rios, que buscavam o oceano. Em compensação o caminho era mais difficil e penoso, por entre mattas e brenhas, indios na frente a abrirem passagem com as mãos e até com o machado, lama e agoa a dar-lhes aos joelhos, e mil vezes mais difficil e penoso ao atravessarem a Serra chamada dos Corvos, onde gastaram 13 dias sem saber quando era dia ou noite, galgando e descendo montes, saltando de pedra em pedra, investidos por cobras, aranhas, carrapatos, mosquitos, moscas, todas as pragas do mundo, alimentando-se de ratos, quando os havia, de mani,oba e mandioca brava, lagartos e lagartixas.

Eil-os, afinal, a subir a Ibiapaba, tão cubiçada de seu zelo apostolico, depois de ter passado os dias da 5.ª e 6.ª feira da Semana Santa a caminhar por mattos e charcos e atravessado em jangada Sabbado de Alleluia o grande rio Aracategi debaixo de chuva torrencial, relampagos e trovões. Não era mais aquella região de ha 3 annos, povoada de setenta aldeias. As guerras de Pero Coelho, a fuga para o Maranhão onde os esperavam os tapuyas combinados com os Francezes e as doenças contagiosas, haviam reduzido as florescentes tabas de outr'ora a 2 aldeiotas apenas, uma, e foi á que primeiro chegaram, que contava vinte casaes,

e a outra com uns sessenta, quando muito, sob a chefia do principal Juripariguassu.

A esse chefe ou morubixaba chama o P.e Vieira Taguaibunuçu na *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba*. Um e outro nome significam diabo grande.

De Francezes por ahi nem vestigio. Os que havia se tinham retirado ao Maranhão, o que todavia não inhibiu Varnhagen de os ver e de descobrir até que andavam sob a capa de amigos a intrigar e a malquistar os padres.

Reminicencias, talvez, das leituras feitas em Claudio d'Abbeville, a quem qualifica de escriptor veridico.

Forro-me ao trabalho de dizer dos costumes e usanças dos moradores da Ibiapaba porque o fará melhor o P.e Figueira.

«Postos nos ali (na primeira aldeia), assim se exprime o P.e Luiz Figueira na sua *Relação*, em tanta fome quanta dantes ja traziamos e estavamos como tisicos de magros q' não tinhamos mais q' a pelle sobre os ossos, era nec.o hirmos fazer assento aonde tivessemos com que nos refazer; Mandamos recado a outra aldea pera sabermos se nos querião lá e q' viessem algus à falar cõ nosco, e tãbem nos queria mos enformar dos q'e tinhão vindo do maranhão q' la estavão principalmente acerqua dos frãcezes que tinhamos p.r novas q'e estavão lá de assento com duas fortalezas feitas em duas ilhas na boca do rio do maranhão.»

Em resposta mandou-lhes o Diabo Grande uma embaixada a cuja frente vinha um irmão seu, de nome Diabo Ligeiro. Era a embaixada de paz e de convite para que fossem visital-o. Para lá seguiram os P.es acompanhados da gente da primeira aldeia, com quem tinham convivido meio mez, e depois de um trajecto de 11 dias chegaram ao termo da viagem dous dias antes da festa do Espirito Santo.

«E p.r q' p.a irmos da prim.ra aldea a sua (do Diabo Grande) aviamos de descer a serra e tornala a sobir p.r escu-

sarmos hu grãde rodeo, cousa q' não só nos era penosa mas quasi impossivel p.r nossa fraqueza e fome, quãdo chegamos ao pé da ladr.a q' aviamos de subir cousa de cinquo legoas antes de chegarmos pollo trabalho daquelle dia p.r ser o caminho asperrimo e cõprido nos deitamos sobre huas pedras ao longo de hua Agoa sem podermos dar passada p.r diante cõ fraquesa nem podermos chegar ao lugar aonde aviamos de dormir senão quãdo chegão dous mãcebos com hua pouca de farinha de milho em hu coffo que p.a nos forão como o pfeta abacüc quãdo guiado do Anjo levou o comer a daniel emfim comemos daquella farinha e bebemos daquella agoa, e assi podemos chegar aos tujupares aonde ja os nossos estavão e tinhão tambem chegado 15 ou 18 q' o diabo grande tinha mãdado em comp.a de outro irmão seu mais moço com refresco de farinha peixe milho e abobaras e cõ preceito que nos levassem em redes não só ao subir da ladr.a mas todas aquellas cinquo legoas, o que ellos fizerão cõ tanta diligencia e caridade quãta se não pode encarecer (aquellas cinquo legoas andamos em pés alheios em todo este caminho); estando nos finalm.te ja hua so legoa da aldea aposentados chegou a molher do diabo ligeiro que nos fora a buscar cõ alguns indios que nos levarão outro presente do principal de feijões, peixe e hua duzia de aboboras.

Ao dia seg.te nos veio o mesmo principal recober ao meyo do caminho mea legoa da aldea cõ todos os principais e alguas molheres cõ seus presentes, e elles todos cõ suas bozinas, gaitas e cascaveis, que são seus instrumentos musicos com tanta festa e alegria que eu fiquei pasmado, e o padre com ser antigo sertanista me disse que nunca vira entre gentios cousa semelhãte; emfim dali nos trouxerão a correr sempre revesandose todos a trazer as redes em q' vinhamos como si ganhassen perdões; erão tãtos os gritos e festas que parecião doudos.»

Muito de industria transcrevi esses trechos da narração de Luiz Figueira para de uma feita destruir a lenda, que a alguns historiadores aprouve espalhar de

que os Padres vieram de Pernambuco commodamente levados em redes ou tipoias.

Na aldeia do Diabo Grande tiveram noticia vaga sobre os Francezes que assistiam no Maranhão, e pessimas informações dos tapuyas, que viviam em todo o percurso que vae da Ibiapaba ao Maranhão, tapuyas entre os quaes a passagem só se poderia alcançar ou pelas armas ou á força de dadivas e peitas.

Armas não tinham Pinto e Figueira; restava-lhes o recurso de implorar pazos e movel-os á custa de presentes. A isso sahiram emissarios para as duas aldeias mais proximas e para os chefes Cobra Azul, visinho ao mar, e Milho Verde, um e outro inimigos dos brancos e da gente da Ibiapaba.

Entrementes deu-se a visita do Algodão e do filho do Cobra Azul com os bons resultados, que atraz referi.

Já estavam os Padres demorados em demasia na aldeia do Diabo Grande e era preciso partir. Não era aquella região sua pousada definitiva. Mais de 4 mezes se tinham escoado em preparativos e em esforços para commetter pazes com as tribus pelas quaes tinham de atravessar, e não havia esperanças de que se mostras em amigas e condescendentes.

Do animo hostil dos tapuyas era prova não apparecerem nem responderem ás embaixadas. Velhos odios traziam elles com os tobajares da serra e sabiam da boa acolhida que ahi estavam tendo os Padres, o que a estes era de grave prejuizo.

Emfim a 17 de Outubro ei-los a caminho. A 12 legoas da aldeia do Diabo Grande estacaram por condescender com a vontade de muitos indios chegados do Maranhão, dos quaes era morubixaba Mandiaré, e que queriam descansar e desfazer umas roças de milho. D'ahi a 15 ou 20 legoas estavam os dominios dos cararijus ou tocarijus, indios de má fama, aos quaes já por 2 vezes tinham sido mandados recados e presentes mas sem resultado.

Ainda uma tentativa foi experimentada e partiu para elles terceiro recado Os tocarijus receberam os presentes, mataram os emissarios, queimando-os ainda vivos, como é de seu barbaro costume, excepto um rapaz, que pouparam para lhes servir de guia do caminho até as pousadas dos padres.

A demora dos emissarios, a desconfiança de seu assassinio traziam a todos em sobresalto. Logo as suspeitas se transformaram em crudelissima certeza ao ouvirem de um escravo fugitivo que se combinavam por propostas dos Tocarijus todas as tabas dos tapuyas e que em breve tempo accommettiriam os christãos.

A ideia de seguirem para o Maranhão foi então de todo abandonada e trataram de se encaminhar para a costa afim de poupar a tantas victimas destinadas ao sacrificio, e da extrema resolução tomada mandaram avisos ao Provincial e ao Governador.

Era tarde. Mal sahia o indio com as cartas em direcção ao mar e os selvagens a irromperem e a accommetterem de todos os lados. Era pela manhã do dia 11 de Janeiro de 1608.

O P.e Pinto, todo brandura e caridade, sahiu a contel-os e a apaziguar-lhes a sanha. E os indios christãos a implorar-lhes que poupassem o Padre que era um santo. Nada detinha o impeto dos barbaros. Choviam as flechas. Na lucta cahiram prostrados dois dos defensores do P.e e este logo após com o craneo despedaçado por golpes redobrados. Um tomou-o por um braço, outro pelo outro braço e, assim em forma de cruz, terceiro lhe esmigalhou a cabeça. Tal era a furia carniceira que se lhe quebraram as maxillas e os olhos saltaram-lhe das orbitas. Grandes ladrões que eram, despiram-lhe a roupeta e conduziram-na comsigo.

Como coincidencia deixo consignado que tres mezes antes um cometa de larga cauda apparocera sobre a Ibiapaba durando por dias, phenomeno que atemorisou os indios, os quaes na sua ignorancia diziam que o ceu se queimava e ia cahir sobre elles.

O P.e Figueira deveu a vida á circumstancia de se achar um pouco affastado e ao aviso que lhe transmittiu um menino da comitiva gritando: Padre, foge que te querem matar. O que elle executou presto.

Saciada a sede de sangue, retiraram-se os Tocarijus entre alaridos e gritos descompassados depois de haver roubado todos os trastes, o altar portatil, os ornamentos, ferramentas e tudo o mais que ficou ao alcance de sua torpe cobiça. Arrebataram tambem dois meninos e duas mocinhas.

Alguns daquelles objectos, como rede, a casula, a estola, o frontal e os breviarios, elles deixaram no caminho por amedrontados com os dizeres de uma das moças captivas.

Livre dos inimigos e acompanhado de alguns dos seus indios, que todos espavoridos se tinham embrenhado pelas selvas, correu o P.e Figueira ao logar do sacrificio e entre lagrimas limpou o cadaver do seu caro mestre e companheiro todo coberto de sangue e terra, e mettendo-o numa rede, transportou-o para o sopé da serra e sepultou-o dentro do matto no logar Ubajara, collocando de cada lado da sepultura um dos Indios, que haviam succumbido.

Um desses heroicos defensores do P.e chamava-se Antonio Caraibpocu; do nome do outro, infelizmente, não reza a tradição.

Aliás o P.e R. Galanti na sua Hist. do Brasil, que é optima e, pois, muito para se consultar, e o Desembargador Paulino Nogueira no seu interessantissimo estudo sob a epigraphe *O Padre Francisco Pinto ou a Primeira Catecheze de Indios no Ceará*, 1887, dão como mortos 5 indios, dos quaes um se chamava Pedro e era potiguar, outro Antonio, tupinambá, e o terceiro, tobajar, tinha o appellido de Iguassu-mirim. O P.e Luiz Figueira, porem, só se refere a dois e teve sua razão para fazel-o como testemunha, triste testemunha, do crime nefando. Sua versão, por conseguinte, é a que se deve acceitar, sem que duvida faça.

Como o cedro desarraigado pelo tufão, assim cahiu o grande missionario aos golpes daquelles mesmos a quem fora levar o evangelho da boa nova e dar a beber na taça da regeneração physica e moral. Tinha 56 annos de edade e 39 de Companhia, quasi todos empregador na conversão dos pobres Brazis, que foram sua constante preoccupação.

Elesban de Guilhermy (Menologe de la Compagnie de Jesus) o dá como filiado á Companhia aos 15 annos e trucidado aos 55.

Foram as ultimas palavras do athleta de Christo: Veni, Domine. veni, veni. Vinde, Senhor, vinde, vinde. Phrase bemdita. Palavras a quadrar perfeitamente nos labios daquelle para quem a palma do martyrio era um goso, a dita por excellencia.

Realisara-se uma profecia do grande Anchieta a respeito de Francisco Pinto.

Certo dia, no anno de 1582, estava elle na enfermaria do Collegio da Bahia, prostrado por enfermidade reputada mortal, quando o veneravel Anchieta, indo fazer-lhe as despedidas por ter de partir para Pernambuco, annunciou-lhe que grandes e penosos trabalhos ainda lhe restavam nesta vida, tomasse as roupas, erguesse-se do leito, e fosse dar graças a Deus, e o P.e Pinto ássim o fez e vio-se sarado de todo.

Esse facto vem citado em todos os chronistas da Ordem. Um delles o narra por esta forma:

«Foi tambem pasmosa a saude que alcançou (o P.e Anchieta) ao Santo Martyr Frācisco Pinto, e a profecia, com que predisse seus muitos trabalhos. Este padre estava tanto nas ultimas, que tinha o enfermeiro preparado o necessario para ser ungido. Entrando o Padre Provincial ao visitar, lhe deu hum abraço, e disse: *Vossa Reverencia queria ir ao Ceo a mãos lavadas? Pois nam ha de ser assim:* Longa tibi restat via; *tem muito que passar primeiro, nam ha de morrer morte folgada, antes della ha de padecer muitos trabalhos, fazer a Deus muitos serviços, salvar muitas almas: levante-se Vossa Reve-*

rencia, va ao coro dar as graças ao Santissimo Sacramento, que elle he servido conceder-lhe a saude; e ao enfermeiro disse: *Irmão, dai-lhe seu vestido, e nam torne o Padre mais á enfermaria.»*

E' do Vol. 2.°, Pag. 274 da Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra pelo P.e Antonio Franco.

Muitos e pesados trabalhos teve realmente que supportar o heroico Amanayara antes de succumbir aos golpes dos ferozes Tapuyas da Serra!

Cumprira-se o vaticinio e infelizmente para o Brasil!

O P.e Vieira descreve o assalto dos Tocarijus como tendo sido na occasião em que Francisco Pinto estava ao pé do altar para celebrar o santo sacrificio da missa. *E estando,* diz elle, *ao pé do altar, sem lhe poderem valer os poucos indios christãos, que o assistião com frechas e partazanas que usavão de paos mui agudos e pexados lhe derão trez feridas mortaes pelos peitos e pela cabeça, e no mesmo altar, onde estava para offerecer a Deus o sacrificio do corpo e sangue de seu Filho, offereceu e consagrou o de seu proprio corpo e sangue, começando aquella acção sacerdotal e consummando-a o sacrificio.* O facto, porem, succedeu quando o P.e estava entregue ás suas orações. Rezava as horas menores.

O pau de jucá com que o trucidaram levou-o Figueira para o Collegio da Bahia, mas perdeu-se com muitas outras preciosas reliquias por occasião de tomarem os Hollandezes a cidade.

A morte do P.e Pinto vem descripta por Claudio de Abbeville no capitulo de sua obra sob o titulo *Historia de uma certa personagem descendente do ceo.*

Transcrevamos alguns topicos dessa lastimavel confusão dos successos occorridos na expedição de Pero Coelho e na subsequente dos dois Padres jesuitas:

«Poucos dias depois resolveram os Portuguezes e os Indios seos companheiros ajudados pelos Francezes rendidos assaltar a aldeia de um afamado Jeropary que lhes fazia guerra cruel.

Finalmente n'um domingo pela manhã, tres semanas ou um mez depois da paschoa em quanto os Francezes e Portuguezes atacavam pela retaguarda da aldeia, este personagem (quer referir-se ao P.e Pinto) empunhando uma espada, accommettia-a de escalada e quando trepava as trincheiras de madeira que cercavam a referida aldeia atirou-lhe o filho do dito Jeropary uma flexa, que trespassou-lhe a garganta e cahindo para traz ficou prezo e pendurado por um pé.

Vendo-o este indio em tal posição não contente com o que lhe tinha feito lançou mão de um Tocüart (especie de uma flexa tendo na extremidade uma certa qualidade de canna muito rija com um pé de comprimento e tres dedos de largura, tão aguçado como um chuço) e com ella pela segunda vez trespassou-lhe o lado por onde sahiram as entranhas e assim o lançou de cima abaixo.

Taputupucu, muitos Portuguezes e Indios que com elle vieram de Pernambuco foram tambem mortos.

Os restantes, em pequeno numero, vendo que o referido personagem por elles considerado como um Propheta tinha morrido, depois de havello ahi enterrado, retiraram-se para Pernambuco.

Depois d'isto muitos Indios da montanha grande se retiraram para a Ilha de Maranhão, onde recordando-se ainda das falsidades da doutrina e do tragico fim de tal personagem cauzador de tantos males, bem razão tinham para nos fazer as perguntas já referidas.»

Berredo (102, liv. 2.º) qualifica as informações do singelo religioso francez como falsidade da barbaridade dos tapuyas ou como fructo da malicia dos Francezes de Montbille.

Não se precisa ser arguto para descobrir os crassos erros do P.e Claudio, tendo-se em vista que Jeropary é o mesmo Diabo Grande, alliado dos Francezes, adversario de Pero Coelho, e dedicado aos jesuitas.

Que Claudio d'Abbeville escrevesse aquillo, explica-se em parte; era um capuchinho e francez; mas o que causa estranheza é que Varnhagen, que tantas chronicas

compulsou, désse credito de boa mente á narração mendaz do capuchinho para consignar na sua Historia do Brasil que o P.e Pinto falleceu deixando-o cahir os indios da rede em que o levavam em um tujugal e não lhe acudiram quando frechado no pescoço foi acabado de matar com uma pua de taquara.

E Varnhagen accrescenta que ha engano em attribuir essa morte como succedida no mez de Janeiro de 1608!

Divulgada a noticia da catastrophe, o Diabo Grande fez celebrar exequias com grandes prantos e ajuntando-se com os mais indios na casa da aldeia, que habitaram os Padres e ao pé da cruz erguida no terreiro ahi repetiram suas scenas de dó e sentimento, tingindo-se e tisnando-se e deixando crescer o cabello alguns delles.

Quatro annos depois, pelo muito amor e grande conceito em que o tinham, determinaram os indios do Jaguaribe ir á serra buscar os ossos do seu Amanayara. Mais os decidiu a isso grande secca, que então laborava. Chegados ao logar que lhes indicara Figueira, cavaram a sepultura, exhumaram os ossos e vieram collocal-os com a precisa reverencia na Egreja de sua aldeia.

Tamanha era a estima em que tinham aquelle precioso deposito que nem o Padre Figueira poude transportal-os para Pernambuco nem o chefe Camarão para suas terras do Rio Grande.

Tentou havel-os, mas de balde tambem, em 1614 o P.e Manoel Gomes e por suspeitarem que o Vigario Balthasar Correa os levava comsigo para Pernambuco sahiram-lhe ao encalço e o deixaram proseguir na viagem somente depois de bem verificado que nada levava do que pertencera ao Amanayara. Esse interessante episodio vem relatado por miudo em carta de Manoel Gomes por mim encontrada na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Pois si os indios graças a aquellas reliquias alcançavam de Deus a chuva ou o sol, segundo a necessidade que tinham as suas sementeiras!

Qual o logar para onde os indios do Jaguaribe trouxeram os ossos de Francisco Pinto?

Candido Mendes opina por Cruz das Almas, depois por Paupina (Mecejana), finalmente por Parangaba (Arronches); Araripe por Paupina; Paulino Nogueira por Parangaba. Penso que foi a aldeia existente mesmo nas visinhanças do fortim portuguez junto ao rio Ceará, até porque taes aldeias de Paupina e Parangaba não existiam ainda.

A opinião de Cruz das Almas não tem por si argumento algum nem o testemunho de um só auctor.

Para a preferencia dada a Paupina estribou-se Araripe no dizer o Padre Manoel Gomes, companheiro de Jeronymo de Albuquerque na expedição de 1614, que desembarcara no porto do Ceará e, ajoelhando, encommendara-se ao bemaventurado Padre Pinto *que estava enterrado a 3 legoas de distancia dalli.* Realmente Manoel Gomes diz isto em uma sua carta que vem publicada á pag. 78 da Historia de José de Moraes e o repete em outra de 2 de Julho de 1621, que faz parte da minha collecção.

Mas aquellas 3 legoas porque não serão contadas do porto de Mocuripe?

A expedição de Mathias Beck, que se compunha de 3 hyates, 1 barco e 1 chalupa ou bote grande conduzindo ao todo 298 pessoas, ancorou na bahia de Mucuriba, sitio mais proximo e capaz para ancoradouro; foi em Mocuripe que a expedição de Caldeira Castello Branco lançou ferro; o Regimento dado por Gaspar de Sousa a Jeronymo de Albuquerque vedou a entrada da armada sob seu commando no porto do Ceará por difficultoso e arriscado; é para crer, portanto, que a armada em que vinha Manoel Gomes, *grossa armada* como elle a chama, descansara em sua rota, e por um dia, na bahia de Mocuripe. Ora de Mocuripe a aldeia dos indios junto ao forte faziam justamente as 3 legoas segundo os calculos de então, como se vê bem da Jornada do Maranhão, do Diario de Beck e dos Roteiros e Regimentos de Pilotos.

E' preciso ter bem em mente que os dous jesuitas não estiveram no Rio Ceará na ida para a Ibiapaba e

tão somente o P.e Figueira na sua volta quando então fundou a aldea de S. Lourenço, e que, portanto, o aldeiamento dos Petiguares em Caucaia, Parangaba e Paupina não é do tempo delles.

Entre os indios se assignalou Camarão pela muita veneração á memoria do Padre Pinto. Elles se conheciam do tempo das missões e da catechese nas aldeias do Rio Grande.

Sabendo esse chefe Potiguar que os do Jaguaribe tinham em seu poder os ossos do Padre, partiu a visital-os acompanhado de muitos dos seus. Chegado ao logar onde estavam os ossos, abraçou-os e beijou-os com grandes mostras de veneração, ordenou o *japiran* ou *sapiranga*, que é um pranto geral, por espaço de 3 dias, fez construir uma egreja maior e mais decente para onde transportou os ossos que foram conduzidos em procissão num caixão coberto de um pallio azul, e ordenou que todas as manhãs os indios aldeiados fossem dar ao morto o *Teandecoema* ou bons dias.

Acabadas as cerimonias suggeridas por sentimentos de uma piedosa amisade, voltou com os seus ao Rio Grande depois de muitas demonstrações de agradecimentos aos do Jaguaribe por terem ido buscar á Serra aquelles restos preciosos e os tratarem com tamanho respeito.

E com esse procedimento do grande potiguar mais se afervoraram os indios de Jaguaribe em seu amor aos ossos do Padre, e tanto que diante delles celebravam os casamentos ou ratificavam os celebrados sem parocho.

Alguns auctores se enganaram suppondo que o Camarão foi quem transportou os ossos da serra; não ha tal; já de lá tinham sido trazidos quando elle foi tributar-lhes os respeitos e as homenagens, que já referi.

Sobre a vida e a morte de Francisco Pinto tirou o Vigario do Rio Grande um summario de testemunhas, assim indios como Portuguezes.

Das estreitos e filiaes relações, que com o Padre Pinto e outros missionarios manteve o Camarão, assim diz uma antiga annua jesuitica:

«Não sei si os ossos do Padre Pinto acharião em animos e pessoas mais civilizadas o amor, lembrança e veneração, que achou no Principal Camarão criado nos mattos e sem cultura alguma politica.

Foi tão benemerito da graça da vocação com que D.ª o chamou ao gremio da Igreja que ainda catecumeno e só com as poucas instruçõens que os Padres e especialmente o Padre Pinto lhe tinhão feito indo em Missão as suas terras com animo de logo se voltarem, que na auz.ª dos Padres lhe servia de substituto e catequista; porque vendo q' alguns Indios da sua Nassão já christãos se hião esfriando, e faltando ao que estavão obrigados pella fee que receberão, e parecendolhe que isto prosedia da falta de q.m os afervorace tomou o officio de Pregador, e discorrendo pellas Aldeas dos seus Parentes exortava aos Christãos vivecem como taes, aos que estavão em perigo de morte q' morrecem contritos de seus pecados na falta de confessores, e aos Gentios que não morrecem sem Baptismo p.ª irem todos ao Ceo e se livrarem das penas do Inferno onde estavão seus Avós por não terem cido Baptisados. Acabada esta pratica consolava a todos com as esperanças da vinda dos Padres, que os havia de fazer christãos, e que elle tão bem os esperava p.ª se Baptizar. Com efeito não podia deychar de alcançar a graça do Baptismo q.m tanto antes cooperava p.ª o dos mais. Chegarão os Padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres de Pernambuco á sua Aldea. Baptizarão todos os Innocentes e Adultos que acharão capases; e porq' o Camarão se queria preparar com mayores festas p.ª o seu Baptismo entretanto continuarão os Padres a sua Missão discorrendo pellas outras Aldeas catequizando, Baptizando e pondo a todos no caminho da salvação. Depois disto se tornarão os Padres p.ª a Aldea do Camarão. Dispuzerão seu Baptismo no dia Domingo da quinquagesima do anno de 1612; ao Sabbado a tarde comesarão as danças por toda a Aldea; de noute ouve fogo artificial e continuarão as danças, flautas, tãobores e mais instrum.tos de q' uzão os Indios, que são n.ºm.te

m.to inclinados a estas festas. Ao Dom.º pella menham veyo o Camarão a Igreja acompanhado de m.ta gente, e recebeu nella o S.to Baptismo com sua mulher e filhos. Acabado o Baptismo voltou a caza com o mesmo acompanhamento a tomar outro vestido p.a selebrar o novo Matrimonio na Ley da Graça com hua das mulheres, que escolheu entre as muitas que tinha antes p.a sua legitima mulher. Acabada a funcção do Matrimonio sahiu da Egreja p.a casa com a mesma procissão em q' hião alguas bandr.as e toda a sorte de instrum.tos e danças, assistindo m.tos Indios e alguns Portuguezes dos quaes m.tos tinhão vindo de distancia de vinte legoas so por fazerem obsequio ao Camarão.»

Triste e acabrunhado tomou o P.e Figueira a direcção do mar e não para a serra de novo, como pensa José de Moraes, e foi abrigar-se á protecção de Cobra Azul depois de uma caminhada de 17 dias. Aguardava alli que chegassem os tabajaras da Ibiapaba como lhe haviam promettido. Era o Cobra Azul grande feiticeiro, arrogante e sem vislumbres de sentimentos bons. Mais de uma vez esteve a contrariar e hostilizar o hospede. Muito outro era o filho delle, optimo rapaz, o qual com varios indios de sua aldeia veiu accompanhando o P.e em sua atribulada viagem até o Ceará.

A recepção que lhes fizeram na aldeia junto ao rio Ceará foi bem festiva: caminhos feitos; musicas; uma bonita casinha de pindoba. Ahi o Padre Figueira reuniu a todos que andavam despersos, forneceu-lhes algumas ferramentas que haviam escapado aos tapuyas, traçou-lhes as casas, levantou uma formosa cruz de cedro, e como o levantamento da cruz cahiu em dia de S. Lourenço deu á aldeia assim formada o nome desse santo.

Da aldeia do Ceará ou S. Lourenço, onde um dos principaes era Lagartixa espalmada e por signal que muito resingueiro e atrevido, sahiu o Padre a 19 do Agosto de 1608, e estando aposentado a legoa e meia de distancia recebeu um escripto do Padre Gaspar de São Peres dizendo que o aguardava em um barco de Jeronymo de Al-

buquerque que elle havia fretado á sua custa para conduzil-o ao Rio Grande. Por causa dos ventos deteve-se ahi o barco 17 dias, mas fez-se á vela afinal dia de N.ª S.ª do Nascimento indo a seu bordo os Padres e os indios da Ibiapaba, por não conter-os a todos. Os indios do Jaguaribe seguiram a pé. Uns e outros eram ao todo 160.

Chegados ao Rio Grande foram cordialmente acolhidos por Jeronymo de Albuquerque, tenente Antonio Ferreira e os Padres Domingos Monteiro e Diogo Nunes.

Diz a Jornada do Maranhão, e com ella Berredo, ter sido Diogo de Campos quem facilitou a vinda do Padre Figueira, por fornecer a Gaspar de São Peres o barco, que o foi buscar. Diogo de Campos em todas as paginas do seu livro revela-se habil em fazer falarem os factos de modo a elle occupar o 1.º plano em desproveito de Jeronymo de Albuquerque. A verdade, porem, é inilludivel; não a elle, é certo, e o confessa o proprio Padre Figueira, mas ao Padre Gaspar de São Peres em primeiro logar, e ao capitão-mór do Rio Grande se deveu o acto de caridade que tanto captivou a alma do esforçado missionario e o conservou para futuras façanhas num apostolado fertil de assignalados successos, e cujo epilogo se representou sobre as taboas desconjuntadas de um navio em naufragio e entre as danças macabras dos antropophagos Aruans.

Estava findo o longo e movimentado drama da Ibiapaba para que se apparelhara a Companhia de Jesus na pessoa de dois dos seus membros mais valentes e caridosos.

Rica e prompta era aquella região em presentear com desventuras a quem ousava enfrentar-lhe os mysterios e perscrutar-lhe os enigmas. Pero Coelho mal poude chegar ao Rio Grande, donde se partiu para a Parahyba e de lá para Madrid e Lisboa onde falleceu pobre e esquecido; Francisco Pinto recebeu morte affrontosa em paga de seus serviços de sublime heroicidade; Luiz Figueira tornou a Pernambuco, succumbido e alquebrado, á vida afanosa de missionario e protector dos indios até

que a tragedia de 1 de Julho de 1643 o arrebatou para sempre.

Longos annos se passarão antes que sobre aquella Serra raie de novo o sol da civilisação; só perca de 50 annos decorridos a Companhia de Jesus ainda uma vez irá convidar as tabas dos tabajares ao banquete da religião e á vida da sociedade. Será a epocha dos trabalhos dos Pedrosa e dos Antonio Ribeiro, será a occasião dos assignalados serviços desse grande philantropo, politico e mestre da lingua que se chamou Antonio Vieira.

Forças activas, providenciaes hão de apressar a marcha evolutiva dos seus pobres moradores, mas ellas vão dormitar por algum tempo; mais tarde á voz potente de outros obreiros tomarão seu curso e se realisarão as obras, que lhes reservava a mysteriosa officina do progresso sob as vistas imperscrutaveis do Soberano dos mundos.

Aqui deponho a penna para entregar á avidez do leitor o Documento precioso, legado por Luiz Figueira e conservado religiosamente até hoje como um attestado a mais do que foi a Ordem de Jesus na obra grandiosa da civilisação dos povos Americanos.

Sua leitura, estou certo, levantará no coração de cada Cearense um altar de gratidão imperecivel á memoria dos dous humildes sacerdotes, cuja vida de devotações e sacrificios esbocei pallidamente.

Como complemento ajunto a esse documento, contemporaneo da primeira infancia cearense, uma carta tambem do punho de Luiz Figueira, na qual não sei o que ha mais para admirar, si a vida asperrima que levavam os missionarios no Brasil, si a caridade e a energia sobrehumanas do auctor da carta.

BARÃO DE STUDART.